

Washington empenhado em obter apoio dos bancos ao "Plano Baker"

Dívida Externa

31 OUT 1985

por Paulo Sotero
de Washington

O governo de Washington iniciou uma série de discretas negociações com bancos comerciais, organismos internacionais e países devedores, num esforço para manter acesa a expectativa criada pelo anúncio do plano do secretário do Tesouro, James Baker III, para o problema da dívida dos países em desenvolvimento. O governo brasileiro não está na lista dos que serão inicialmente contatados.

O objetivo prioritário das conversações é, segundo um alto funcionário do governo, citado pelo jornal *The Wall Street Journal*, obter um "compromisso verbal" de apoio ao plano por parte dos bancos comerciais, nas próximas semanas. Reunidos em Washington, no início da semana, 58 banqueiros de catorze países, que, em conjunto, representam cerca de 80% da dívida dos países da América Latina, manifestaram seu apoio genérico aos objetivos do plano de Baker, mas disseram que desejam obter mais informações sobre seus detalhes antes de assumir qualquer compromisso.

A principal crítica dos bancos ao plano do governo americano é de que ele reparte mal o fardo, pedindo-lhes que assumam o compromisso de aumentar seu risco nos países endividados, através da concessão de um total de US\$ 20 bilhões em novos empréstimos em três anos. Sob o plano, os governos dos países industrializados contribuiriam com uma parcela menor, uma vez que se espera um acréscimo de apenas US\$ 9 bilhões nos empréstimos dos organismos internacionais, como o Banco Mundial e o BID, às nações em desenvolvimento.

Enquanto articula conversas com os bancos, o governo americano deverá iniciar, já neste fim de semana, contatos com equipes do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e do BID, a fim de levantar as mudanças de políticas e de dispositivos necessários para viabilizar o plano Baker.

Paralelamente, até meados de dezembro, as autoridades sondarão os governos de nações endividadas para avaliar sua disposição de embarcar no plano. O México, a Argentina, o Chile e o Uruguai, países que neste momento têm — ou, no caso do México, estão tentando voltar a ter — um programa com o FMI em execução, figuram no topo da lista dos países que serão inicialmente abordados.